

O charco espera a mão do lavrador  
E, um dia, plasma em lama, lodo e estrume,  
Um jarro gigantesco de perfume  
A enfeitar-se de flor!...

Nota que a porcelana aprimorada  
Foi barro que aceitou a disciplina...  
A pérola mais fina  
Veio na dor da ostra torturada!...  
O violino que atende e se consome  
Por dar à melodia apoio e desempenho  
Não passava de um lenho  
Na floresta sem nome!...

Detém-te, coração, pensando nisso:  
No mundo o que há de belo, grande e santo  
E' persistência e esforço, canto a canto,  
Da esperança em serviço!...  
Empenha-te a servir, aprender, construir, tolerar,  
Em tudo é sempre o Amor Puro e Perfeito  
Porque nunca se cansa de esperar!...

MARIA DOLORES

— 78 —

50

### Sempre amor

Torno, ansioso, da morte à casa que deixara...  
Os meus, o lar, o amor... eis tudo o que ambiciono  
Entro. Lá fora, o parque, a tristeza, o abandono...  
Mormaço, plenilúnio, o vento, a noite clara...

Debalde grito, corro, observo, inspeciono...  
Subo. Um morcego ronda a pequena almenara...  
Nada. Ninguém me espera. A vida deserta...  
Tudo silêncio e pó de tapera sem dono...

Sofro desilusão que o mundo não descreve,  
Mas alguém abre a porta e me chama, de leve...  
Fito pobre mulher... Na face, o olhar sem brilho...

Conheço-a!... Minha mãe!... Quanta saudade, quanta!...  
Vem lembrar-me a rezar... Beijo-lhe as mãos de santa!...  
Ela chora e repete: «Ah! meu filho! meu filho!...»

JORGE MATOS

— 79 —